

Atividades musicais na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1778-1817)

Cacilda Elizabete Cardoso Alamino (Beth Alamino)
Universidade Federal de Mato Grosso
e-mail: bethalamino@hotmail.com

Sumário:

Enquadra aspectos históricos das atividades musicais do setecentos na Capitania de Mato Grosso, abordando especialmente as desenvolvidas na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá entre 1778 e 1817. Insere-se na linha de pesquisa *A terra da conquista/UFMT*, enfatizando a imbricação de ações humanas com espaços sociais (espacializações), resultantes das redistribuições territoriais desta parte mais central da América do Sul, observando os processos em escalas menores. Contribui com novas informações, evitando cair na simplificação generalizante que equipararia processos sócio-culturais da capitania do Mato Grosso, com aqueles de Minas Gerais, Rio de Janeiro ou Bahia, por exemplo.

Palavras-Chave: Musicologia, Cuiabá, Colonial, Música.

Introdução

Durante o reinado de D. Maria I, ordenou-se a redação de Anais com as notícias de cada local da colônia portuguesa na América. Momento de efervescência musical mais visível, sobretudo nos ambientes urbanos marcados pelas atividades musicais de origem eclesíastica e/ou militar, no Cuiabá do setecentos, não se contou com atividades jesuíticas tão intensas quanto em outras capitanias (Rosa e Jesus, 2003).

No que diz respeito à documentação da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, ela veio parcialmente a se perder devido ao incêndio que consumiu com os arquivos da Câmara do Cuiabá em 1911.

Notícias de instrumentos musicais no Cuiabá de 1778 a 1817

Dentre as fontes sobreviventes que descrevem tais atividades, se destaca o *Compêndio histórico das notícias do Cuiabá de 1778 a 1817*, de Joaquim da Costa Siqueira (vereador no Cuiabá da época, que também redigiu a primeira parte dos *Anais da câmara da Vila Real*, narrando acontecimentos entre 1719 e 1786), publicado em 1850. Nesse *Compêndio*, ele materializou obra rica em observações pessoais sobre a vida cultural da vila, permitindo focar as manifestações musicais durante o reinado de Dona Maria I, a Regência e o início do reinado de D. João VI. Permite, também, perceber articulações dessa política dinástica com a sociedade colonial na fronteira do vasto império, inclusive num momento ímpar (o da mudança da corte portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro), expressivo de transformações internas na ainda América portuguesa. Favorece ainda o exame de importantes questões internas da capitania de Mato Grosso, como a ascensão e queda dos irmãos Albuquerque, governantes da capitania por 24 anos, que sempre viveram na capital, alimentando uma oposição política com a elite do Cuiabá, e a consolidação definitiva da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá como ambiente urbano, superando a capital Vila Bela da Santíssima Trindade.¹

¹ Nos anos 1790, até pelo menos 1796, Siqueira teve importante papel nos conflitos urbanos da Vila Real, particularmente com o Mestre de Campo Antonio José Pinto de Figueiredo, representante dos Albuquerque no Cuiabá.

A condição política de Siqueira na Vila Real era bastante confortável, pois era por linha materna, primo por afinidade do genealogista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, o que, além de situá-lo num universo familiar marcado pela erudição e contato com as artes, o aproximou na Vila Real dos anos 1780 do Juiz de Fora Diogo de Toledo Lara Ordonhes, sobrinho-neto do mesmo Pedro Taques.

No Compêndio se percebe que as informações fornecidas sobre música se restringem apenas a mencionar instrumentos musicais militares como caixa, bateria, clarins e outros instrumentos, inclusive a trompa (Siqueira, 1850). Nenhum instrumento de cordas é citado por Siqueira, mas segundo Silva, existe documentação da Vila Real datada entre 1740 e 1810, que constata a presença de um rabecão grande, um rabecão pequeno, uma viola, uma flauta, duas trompas e dois clarins (Silva, 2001). Por sua vez, Rosa informa que em 1746 fabricava-se na Vila Real um cravo para os seus divertimentos (Rosa, 1998).

Outrossim, em Vila Bela da Santíssima Trindade, então capital desta capitania, registrou-se o uso do termo Marimba para denominar algum tipo de jogo, se musical ou não ainda não sabemos. Segundo Pontes, Ali [na residência dos governadores da Vila Bela, em 1781] nos entreteve S. Exa., enquanto se fazia um leve jogo a que chama Marimba, que por não ser dos que pedem maior atenção, se joga sem prejuízo da conversação (Pontes, 1985).

Fontes diversas permitem tanto a comparação com dados pesquisados na Vila Real quanto fontes que citam instrumentos existentes no Cuiabá e Capitania e suas manifestações musicais. Dentre as manifestações musicais nas festas, observa ainda a mobilidade dos grupos musicais, pois para que uma orquestra pudesse circular com seus músicos andando e tocando pelas ruas da Vila Real, estes músicos deveriam ter fácil locomoção. Os pequenos grupos musicais de Minas Gerais do setecentos eram grupos adaptáveis a este porte, tocavam instrumentos que permitiam que seu executante caminhasse. Grande parte destes instrumentos era de sopro, destacando-se neste mesmo período as charamelas, instrumento que é considerado ancestral do atual oboé (Neves, 1993).

Festas na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá

No que diz respeito às festas (públicas ou privadas) O Compêndio apresenta poucas informações durante os primeiros anos incluídos na crônica. Os relatos vão aumentando à medida que os anos decorrem e, no relato de 1817 Siqueira descreve com bastante detalhe os cenários criados para a apresentação de comédias, danças, entremezes e óperas, estendendo-se tais festejos por meses. (Siqueira, 1850).

Quanto às festividades, a quantidade de luzes e outros adornos impressiona ao leitor que desconhece o período colonial e subestima o porte destas manifestações, particularmente no Cuiabá, que traz uma reputação de isolamento no senso comum da sociedade atual. Quando se faziam festas pomposas, os cuiabanos se sentiam em especial, orgulhosos. Quando da restauração de Portugal, a notícia é comemorada em 1809 na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, e Siqueira assim escreve: desta maneira se aplaudiu n'esta vila a restauração de Portugal, e sem embargo de se saber que as outras capitanias vizinhas não tinham chegado a tanto (Siqueira, 1850).

Mesmo sendo aparentemente um homem letrado e culto, as alusões que Siqueira faz às manifestações musicais descritas incluem frases como muitos toques de música, cantorias e bailes; Todos, á excepção dos clarins e música; Te-Deum a dois coros, um de musica e outro de cantochão; coro de música, orchestra de música e simplesmente música. Ainda, confirma a vigência litúrgica da prática romana sobre a portuguesa, quando informa que esta solene ação [se faz] com todas as cerimônias que decreta o ritual romano.

Com relação aos músicos atuantes na atividade litúrgica-musical pode-se informar que em 1727 operava na Vila Real um Mestre de Capela, remunerado dentro da média paga na colônia, conforme cruzamento de dados. No período que compreende o Compêndio, consta a presença de dois Mestres de Capela. Houve caso em que autoridades do poder tiveram que ajudar na montagem das danças, pois o trabalho despendia tantos esforços devido à dimensão que tomou, que os Mestres

de Capela não foram suficientes para a adequada consecução na preparação e execução das festas. Consta ainda o apoio profissional proveniente de Santana da Chapada, atual cidade de Chapada dos Guimarães, distando da cidade de Cuiabá por 60 km. (Siqueira, 1850). Aparece em documentação o padre João Bautista em 1729 e 1730 como Mestre em Música (Rosa, sem data). Em 1773, 1777 e 1778 o Mestre de Capela da Vila Real, Francisco Xavier de Oliveira recebeu pagamento pela sua música na festividade de São Sebastião (Rosa e Jesus, 2003). Em 1794 Siqueira afirma ter na Vila Real dois Mestres de Música: Joaquim Mariano da Costa e Antonio Francisco Neves (Siqueira, 1850). Quanto à atuação dos Mestres de Capela, Joaquim Mariano da Costa é citado na lista de Ordonhes, tanto ensaiando e oferecendo danças como personagem feminino na Comedia ou tragedia Zenobia no Oriente.

Dentre as formas musicais, há citações de divertimentos, comédias, farsas, danças, óperas, contradanças, excelente orquestra e bailes. Mesmo assim, pode-se identificar um ou outro tipo eventual de acompanhamento instrumental da música vocal, e modelos adotados de formação profissional, entre outros.

Tais festividades somente se faziam com autorização pública. Os bailes seguiam noite adentro e não podiam parar, havendo em geral dois grupos musicais para que quando um se cansasse, o outro grupo tomasse seu lugar, sempre alegrando as festas e as estendendo até tarde da noite. Isso ainda hoje é comum nas festas de motivos religiosos, organizadas por festeiros nesta região.

Das Festas em Cuiabá

Segundo a documentação disponível, a Vila Real no final do século XVIII era local importante para a coroa portuguesa, principalmente pela sua afirmação como fronteira oeste da América Portuguesa.

Existia uma relação de pertencimento com o reino português, que se manifestava principalmente nos festejos com motivos do reino. Tais manifestações aconteciam dentro do mesmo sistema criado pela coroa e adotado em toda a colônia. Estas festas, com características religiosas e profanas eram parte de um código que se fazia necessário para a manutenção destas terras conquistadas pela coroa portuguesa. As festas eram realizadas com os motivos apresentados e suas características eram, de modo geral

festas reais (comemoração de nascimentos e casamentos reais), recepção dos capitães gerais e membros do clero na primeira vez que chegavam a uma vila, exéquias (manifestação póstuma de respeito a um membro da corte), festas religiosas (devoções aos santos) e festas profanas (danças, farsas, comedias, operas, etc.). Vale observar que as festas religiosas de Corpus Cristi, Visitação de Santa Isabel a Nossa Senhora, do Anjo Custódio e do padroeiro da vila eram definidas pelas Ordenações do Reino. (Rosa e Jesus, 2003).

Na Crítica das festas de 1790, de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, Ouvidor naquela vila, se incluem suas anotações sobre as festas realizadas em sua homenagem por ocasião de seu aniversário de 1790, incluindo a Lista das pessoas que entraram nas funções principais de agosto de 1790 (Cf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. IV, 1898-1899, 219-242).

Este documento identifica pelo menos 98 nomes de artistas e suas funções cênicas em diversas óperas e danças, além de citar as obras então representadas e outros participantes em forma generalizada. Nesse detalhamento dos festejos, se percebe que certos papéis femininos foram executados por homens, uma prática adotada no período devido à proibição da atuação das mulheres nos teatros e similares. Conforme este documento, em agosto de 1790, Siqueira participou das festas em comemoração ao aniversário de Diogo de Toledo Lara Ordonhes: no dia 6, dançando em farsas. No aniversário do Ouvidor apresentou-se a ópera Ézio em Roma, varias danças, as comedias Aspazia na Syria, Ourene perseguida e triunphante, Conde de Alarcos, a comedia ou entremez Saloio Cidadão, a comedia ou tragédia Zenobia no Oriente (Ordonhes, 1850). Observa-se ainda no documento que as pessoas que fazem as funções cênicas tem no geral uma destinação.

Como exemplo cita-se Silvério Jose da Silva se apresentando sempre com função feminina e os mesmos grupos se apresentaram juntos.

Considerações finais

A partir do até aqui informado, as atividades e produção musicais no Cuiabá do último quartel do século XVIII, parecem comparáveis com a do resto da colônia em geral. Segundo o Provedor de Vila Bela, Felipe José Nogueira Coelho, era tão intensa essa atividade na Vila Real, que provocou a seguinte nota cáustica do seu punho: Se Deus pusesse mui vizinhos ao Vesúvio ou Etna os padres e músicos do Cuiabá (...), teriam eles ocasião mais prudente para as suas preces ou louvores (Coelho, 1850).

Finalmente, é mister reconhecer que a farta documentação que ainda pode ampliar este trabalho inclui o levantamento de outras manifestações sócio-culturais de natureza musical em outras partes da mesma capitania, a partir de documentos avulsos e seriais de variado tipo, existente no Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, no arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, assim como nos arquivos de igrejas e irmandades constantes nessa cidade, os quais se encontram em processo de reprodução, transcrição e análise.

Referências Bibliográficas

- Coelho, Felipe José Nogueira. [1850]. *Memórias Cronológicas da Capitania de Mato Grosso*, principalmente da Procuradoria da Fazenda Real, Intendência de Ouro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 13. p. 137-199.
- Jesus, Nauk Maria de. 2003. *A cabeça da república* e as festividades da Capitania de Mato Grosso In: Rosa, Carlos Alberto; Jesus, Nauk Maria de (Org.). *A Terra da Conquista: História de Mato Grosso Colonial*. Cuiabá: Adriana. p. 105-126.
- Neves, José Maria. 1993. Arquivos musicais brasileiros: preservar enquanto é tempo. *Piracema – Revista de Arte e Cultura – FUNARTE*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1. p. 136-145.
- Ordonhes, Diogo de Toledo Lara. [1898-99]. Lista das pessoas que entraram nas funções principais de agosto de 1790 [seguida pela] Crítica das Festas. [transcrição] *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 4, 1898-1899, p. 219-242.
- Pontes, Antônio Pires da Silva. 1985. Diário de Viagem, In: Mendonça, Marcos Carneiro de (Org.) *Rios Guaporé e Paraguai – Primeiras Fronteiras Definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil.
- Rosa, Carlos Alberto. 1998. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808*. 97f. Resumo de Tese. Cuiabá: UFMT.
- . 1996. “A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá”. Tese (Doutoramento em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- . [s.d.] Notas sobre música no Cuiabá. Ms. Inédito.
- . 2003. O Urbano Colonial na Terra da Conquista. In: Rosa, Carlos Alberto; Jesus, Nauk Maria de (Org.). *A Terra da Conquista: História de Mato Grosso Colonial*. Cuiabá: Adriana. p. 11-64.
- Silva, Cristiane dos Santos. 2001. *Irmãos de fé do Rosário: ações e relações com o sagrado da irmandade de Nossa Senhora do Rosário na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1767-1819)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.
- Siqueira, Joaquim da Costa. [1850]. Compêndio histórico das notícias do Cuiabá, repartição da capitania de Mato Grosso, desde 1778 a 1817. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1850. tomo XIII. p. 5-124.